



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

MARIA CAVALCANTI DE ARAÚJO

DESAFIOS DA EJA: A NÃO PERMANÊNCIA DOS ALUNOS DO SEGUNDO ANO MÉDIO EJA NA SALA DE AULA NA E.E.E FUNDAMENTAL E MÉDIO CÔNEGO FRANCISCO GOMES DE LIMA

JOÃO PESSOA
2014

MARIA CAVALCANTI DE ARAÚJO

DESAFIOS DA EJA: A NÃO PERMANÊNCIA DOS ALUNOS DO SEGUNDO ANO MÉDIO EJA NA SALA DE AULA NA E.E.E FUNDAMENTAL E MÉDIO CÔNEGO FRANCISCO GOMES DE LIMA

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima Ferreira de Araújo

**JOÃO PESSOA-PB
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A663d Araújo, Maria Cavalcanti de
Desafios da EJA: a não permanência dos alunos do segundo ano médio EJA na sala de aula na E.E.E Fundamental e Médio Cônego Francisco Gomes de Lima [manuscrito] : / Maria Cavalcanti de Araújo - 2014.
42 p. : il., color.

Digitado.
Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba. Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014
"Orientação: Profa. Dra. Maria de Fátima Ferreira de Araújo, Departamento de Centro de Ciências Biológicas Sociais Aplicadas.
1. Aplicação de jovens e adultos. 2. Evasão escolar. 3. Fracasso escolar. I. Título.

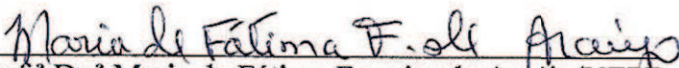
21. ed. CDD 363.728

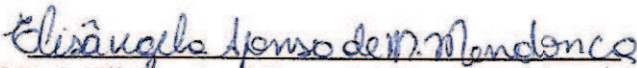
MARIA CAVALCANTI DE ARAÚJO


**DESAFIOS DA EJA: A NÃO PERMANÊNCIA DOS ALUNOS DO SEGUNDO ANO
MÉDIO EJA NA SALA DE AULA NA E.E.E FUNDAMENTAL E MÉDIO CÔNEGO
FRANCISCO GOMES DE LIMA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de especialista.

Aprovada em: 14/06/2014


Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima Ferreira de Araújo/UEPB
Orientadora


Prof.^a Dr.^a Elisângela Afonso de Moura Mendonça/UEPB
Examinador


Prof.^a Dr.^a Jacqueline Echeverria Barrancos/UEPB
Examinador

DEDICATÓRIA

Aos meus filhos Almir e Aline e ao meu neto Gabriel, que são presentes valiosos de Deus pra mim.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela dádiva da vida e por ter me dado forças e coragem durante toda essa jornada.

A secretaria de Educação do Estado da Paraíba, pela valorização dada aos professores da rede pública estadual.

A Universidade Estadual da Paraíba, pelo acolhimento, dedicação e compreensão para com os participantes da especialização.

Aos meus pais, especialmente, minha mãe que sempre me conduziu para o bem.

A toda a minha família, em especial minha irmã Dr^a M^a José de Araújo Cavalcanti, que me apoiou e cuidou de mim até a conclusão desse trabalho monográfico.

A professora Dr^a Maria de Fátima Ferreira de Araújo, que com presteza e paciência orientou os trabalhos desenvolvidos nesta pesquisa, me deu forças para continuar o trabalho nas horas que mais precisei.

Aos colegas que deixaram boas lembranças dos bons momentos de convivência nas manhãs de sábado.

Ao gestor adjunto Wellington Cardoso, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Cônego Francisco Gomes de Lima, que contribuiu com informações da escola para este trabalho.

Aos meus alunos do 2º ano médio EJA , pela atenção, respeito, dedicação e participação na realização desta pesquisa.

EPÍGRAFE

“A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de críticas, verificar e não aceitar, tudo que a elas se propõe”.

Jean Piaget

RESUMO

A educação de jovens e adultos (EJA) está prevista na LDB 9.394/96 e faz parte integrante da Educação Básica, apresentando-se, em muitos casos, como única alternativa para a continuação dos estudos. O principal objetivo dessa pesquisa consistiu em analisar o porquê da não permanência na sala de aula do aluno do 2º ano médio EJA da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Cônego Francisco Gomes de Lima. Foram utilizados questionários com um grupo de 26 alunos. Estes questionários foram elaborados com questões objetivas e subjetivas, respondidas anonimamente. Foram feitas também observações sobre esses alunos que ficaram fora da sala de aula; a respeito dos conteúdos trabalhados e do relacionamento com os professores. O resultado levar-nos-á a analisar melhor o currículo trabalhado, a formação do professor e as relações humanas. Entre as quatro paredes da sala de aula e num período de seis meses, poucos são capazes de fazer milagres. Na educação de jovens e adultos almeja-se uma educação que contribua para a formação de homens e mulheres com consciência social e responsabilidade histórica em busca da melhoria de qualidade de vida para todos. Como educadora estamos contribuindo para uma melhoria da educação, um índice menor de evasão, inclusive a evasão interna (a não permanência na sala de aula), a redução do fracasso escolar e conseqüentemente trabalhando a inclusão social.

Palavras chave: Educação de Jovens e adultos, Evasão, Fracasso Escolar.

ABSTRACT

Education of Youth and Adults (EJA) is defined in Law of guidelines and bases of education 9394/96 and is an integral part of basic education, presenting in many cases, the only alternative for further studies. The main objective of this research was to examine why the non-permanence in the classroom, for the students of second year of high school EJA, of the E.E.E.F.M Cônego Francisco Gomes de Lima. Questionnaires with a group of 26 students were used. These questionnaires were developed with objective and subjective questions, anonymously answered by the students. Observations of those students that fall outside of the classroom about the contents worked and relationships with teachers were also made. The result of this research will help us better analyze the curriculum worked, teacher training and human relations. Among the four walls of the classroom and within a period of six months, few are able to do miracles. In youth and adults education aims of an education that contributes to the formation of men and women with social conscience and historical responsibility towards improving the quality of life for all. As an educator, we are contributing to a better education, a lower evasion rate, including internal evasion (non-permanence of students in the classroom) the reduction of school failure and consequently working social inclusion.

Keywords: Youth and adults Education, School Evasion, School failure

Lista de Siglas

LDB – Lei das diretrizes e bases da educação

EJA – Educação de jovens e adultos

MEC – Ministério de Educação e Cultura

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

UEPB – Universidade Estadual da Paraíba

INEP – Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos

CEAA – Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos

CNER – Campanha Nacional de Educação Rural

CNEA – Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo

MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização

MOVA – Movimento de Alfabetização

PAS – Programa de Alfabetização Solidária

PRONERA – Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária

IDEB – Índice de desenvolvimento da Educação Básica

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 CARACTERIZAÇÃO DA E.E.E.F E MÉDIO CÔNEGO FRANCISCO GOMES DE LIMA	14
2.1 Histórico.....	14
2.2 Ambiente Físico.....	14
2.3 Pessoal envolvido no trabalho escolar.....	15
2.4 Pessoal docente por gênero e disciplina.....	15
2.5 Distribuição dos não docentes por categoria e por gênero.....	16
2.6 População dos discentes por série.....	17
3 CARACTERIZAÇÃO DA COMUNIDADE	17
4 FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA	18
5 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA DE JOVENS E ADULTOS ..	20
5.1 Currículo no Ensino brasileiro de jovens e adultos.....	22
5.2 Evasão e fracasso escolar.....	24
5.3 Relação professor-aluno.....	27
6 RESULTADO E ANÁLISE DOS DADOS	28
6.1 Perfil do aluno.....	29
6.2 Conteúdos trabalhados em sala de aula.....	34
6.3 Percepção do aluno sobre a ausência na sala de aula.....	35
6.4 Percepção do Professor sobre a ausência do aluno na sala de aula.....	37
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
BIBLIOGRAFIA	40

1 INTRODUÇÃO

A evasão escolar é um dos grandes desafios enfrentados na Educação, principalmente no que se refere a Educação de Jovens e Adultos devido a vários fatores: o cansaço diário do trabalho, a falta de motivação; aulas que não estão ligadas diretamente com assuntos relacionados ao trabalho; falta de estrutura familiar; relacionamento professor – aluno e o índice de violência cada vez maior. Para contribuir com esta temática, a partir da nossa experiência como docente da EJA, realizamos uma pesquisa que objetiva investigar as razões que levam os estudantes do segundo ano do ensino médio da Educação de Jovens e Adultos da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Cônego Francisco Gomes de Lima a não permanecerem na sala de aula, o que conseqüentemente, leva ao fracasso escolar.

O desejo de investigar este objeto de estudo, surgiu quando percebemos que alguns dos alunos do segundo ano médio não desistem, mas também não deixam de ir a escola. Eles entram na sala de aula, deixam seus pertences e ficam fora apenas com os celulares. Inspetores, diretores e professores pedem para que entrem. Eles realmente atendem o pedido, mas, logo em seguida, deixam novamente a sala de aula e voltam para os corredores da escola. Além de não participarem das aulas, ficam falando alto pelos corredores nos bate-papos com os colegas de outras turmas, nas redes sociais, etc. Algumas vezes perguntam se a tarefa é para nota. Se a tarefa daquele dia for para nota eles ficam. Reclamam dos itens das tarefas, confessam que não sabem e pedem ajuda aos outros colegas.

Aqueles alunos que sempre estão presentes não gostam de dar explicações e com razão. No final do semestre procuram os professores para fazerem os trabalhos e provas que faltam para recuperar suas notas. Fazemos as reposições a pedido da direção e porque sabemos que, nas próprias “diretrizes operacionais para o funcionamento das Escolas da Rede Estadual de Ensino 2013 (www.paraíba.pb.gov.br/educação/diretrizes-operacionais-para-o-funcionamento-das-e)” diz que as faltas não devem ser empecilho para aprovação dos alunos, o que significa que mesmo não frequentando as aulas, se os mesmos fizerem avaliações e conseguirem alcançar a média, serão aprovados. Os alunos com certeza sabem disso e querem ser atendidos dentro dos seus direitos.

Diante disto, apresentamos de forma detalhada a percepção do aluno do EJA a respeito desta problemática: a maioria dos alunos do EJA não ambicionam um futuro melhor, um salário melhor. Eles querem um certificado de conclusão do ensino médio para poder trabalhar, para dizer ao seu filho que também sabe sobre o que eles perguntam ou até mesmo para não se sentirem inferior ao parceiro/a que tem o ensino médio. Esta falta de interesse ainda aumenta quando percebem que o professor não está preocupado em transforma-lo em um cidadão crítico, mas apenas dar o conteúdo para receber o pequeno salário e cumprir as exigências que lhe são exigidas.

2. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

2.1 HISTÓRICO

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio CÔNEGO FRANCISCO GOMES DE LIMA, foi reconhecida pelo decreto nº 14.345 de 13/03/1992, na gestão do Dr. Tarcisio de Miranda Burity (1979 – 1982). Está situada no bairro Ernesto Geisel, Rua Deputado Petrônio de Figueiredo, S/N, Zona Sul, João pessoa – PB.

Tendo como homenagem o nome da escola, CÔNEGO FRANCISCO GOMES DE LIMA, padre e elevado a cônego, foi orador e presidente do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba, membro da Academia Paraibana de Letras, diretor de renomadas escolas do nosso Estado, professor pioneiro da Universidade Federal da Paraíba. Dominava quatro idiomas, publicou quase 30(trinta) trabalhos, entre eles o livro tido como o mais importante sobre a História da Igreja Católica na Paraíba. FRANCISCO GOMES DE LIMA, “Padre Lima”, um dos maiores historiadores do nosso estado, nasceu em Caiçara-PB no dia 20 de Agosto de 1903, filho do casal GABRIEL GOMES DE LIMA e MARIA FRANCISCA DE JESUS.

2.2 AMBIENTE FÍSICO

- 01 Diretoria;
- Sala de Apoio;
- 01 Secretaria;
- 01 Arquivo;
- Deposito de Livros
- Deposito de Material;
- 01 Sala de Professores;
- 01 Biblioteca;
- 01 Sala de Recursos Audiovisuais;
- 01 Laboratório de Ciências;

- 01 Sala de Apoio Pedagógico;
- 01 Laboratório de Informática Instalação;
- 14 Salas de Aula;
- 01 Cozinha/Cantina/Depósito;
- 01 Pátio;
- Auditório com Camarim;
- W.C Alunos Feminino e Masculino;
- W.C Professores e Professoras;
- W.C Funcionário e Funcionária;
- Quadra Esportiva Coberta

2.3.PESSOAL ENVOLVIDO NO TRABALHO ESCOLAR:

O pessoal envolvido no trabalho escolar busca atender na medida do possível as necessidades da comunidade, trabalhando de forma integrada, visando uma educação de qualidade.

PESSOAL DOCENTE POR GÊNERO E POR DISCIPLINA

DISCIPLINA	FEMININO	MASCULINO	TOTAL
Artes	-	01	01
Biologia	02	03	05
Educação Física	-	02	02
Filosofia	01	01	02
Física	01	01	02
Geografia	02	02	04
História	02	02	04

Inglês	01	01	02
Matemática	-	05	05
Português	03	04	07
Química	01	01	02
Sociologia	01	01	02
Ensino Religioso	01	-	01
Espanhol	01	-	01
TOTAL	16	24	40

DISTRIBUIÇÃO DOS NÃO DOCENTES POR CATEGORIA
E POR GÊNERO

CARGO/FUNÇÃO	FEMININO	MASCULINO	TOTAL
Secretária	01	-	01
Apoio Pedagógico	02	-	02
Auxiliar de Secretaria	04	02	06
Auxiliar de Serviço	08	-	08
Instrutor de Banda	-	01	01
Merendeira	03	-	03
Inspetor	02	02	04
Porteiro	01	01	02
Téc. Informática	-	01	01

Téc. Nível Médio	02	-	02
Vigilante	-	02	02
	23	09	32

POPULAÇÃO DOS DISCENTES POR SÉRIE : Manhã/Tarde/Noite

ANO/SÉRIE	MANHÃ	TARDE	NOITE
6ºano/5ªsérie	-	32	25
7ºano/6ªsérie	-	35	19
8ºano/7ªsérie	-	28	29
9ºano/8ªsérie	-	25	46
1ºano	92	43	74
2ºano	69	13	100
3ºano	42	07	108
Total	203	183	401

3 CARACTERIZAÇÃO DA COMUNIDADE

A comunidade do conjunto Ernesto Geisel , onde nossa escola está inserida, localiza-se na Zona Sul da cidade de João Pessoa, Bairro de classe média \ baixa.

A comunidade é servida por três linhas de ônibus. Dispõe de Associação de Moradores, Posto de Saúde bem próximo, farmácias, igrejas, mercadinhos, etc. Em sua maioria, seus moradores são funcionários públicos, comerciantes e autônomos. A coleta de lixo é feita três vezes por semana nos dias: terça-feira, quinta-feira e sábado.

4 FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA

A principal Função Social da escola é o ato de ensinar e formar cidadãos críticos, políticos e conscientes e também socializar o educando visando formar um cidadão consciente de seus direitos e deveres, alguém capaz de prezar pelos conceitos básicos de cidadania. Além disso, a escola também tem noção de seu papel no tocante ao conhecimento científico, e deve ser capaz de preparar o estudante para realizar as transformações que a sociedade e a comunidade onde está inserida necessitam.

Pode-se considerar também como um dos principais objetivos do Ensino Médio e da Educação profissional a preparação dos jovens para o mercado de trabalho. O trabalho é especial na vida das pessoas, principalmente dos jovens. A escola deve preparar o aluno para interpretar, compreender e interferir de forma ativa na sua comunidade.

Segundo Feldmann, é preciso considerar o aluno uma pessoa, uma identidade em formação, que nesse cenário contemporâneo, precisa se inserir numa sociedade global e complexa.

A apropriação crítica de conhecimentos requer, então, que empre se considere o aluno uma pessoa, uma identidade em formação, acolhendo as dimensões afetivas, estéticas, culturais a ele inerentes. (Feldmann,pag.30)

No cumprimento de sua função social a E.E.E.F M Cônego Francisco Gomes de Lima considera as práticas da sociedade atual, sejam elas de natureza econômica, política, social, cultural, ética ou moral, e as relações diretas dessas práticas com os problemas específicos da comunidade local. É fundamental conhecermos as expectativas da comunidade, suas necessidades, forma de sobrevivência, valores, costumes e manifestações culturais, para podermos atendê-los e auxiliá-los, ampliando o nosso instrumento de compreensão e transformando o mundo.

O Conselho de Escola com poder deliberativo decide sobre organização, funcionamento e aplicação dos recursos da escola e cria normas de funcionamento , decide, executa e acompanha as ações desenvolvidas na instituição.

Tem como finalidade atender as necessidades comuns e dar andamento aos encaminhamentos necessários a solução de problemas administrativos e pedagógicos que possam interferir no funcionamento da escola.

Temos, também, o Conselho de Classe, que é um espaço de formação de sujeito participante, sujeito da história, capaz de avaliar objetivos, metodologias, conteúdos, relações interpessoais e a organização da escola, possibilitando que o educador reorienta seu fazer pedagógico de modo a promover a eficiência do ensino-aprendizagem.

- MODALIDADES DE ENSINO MANTIDAS PELA ESCOLA

Ensino Fundamental

- Ensino Médio – 1º ao 3º (turno matutino)
- 6º ao 9º ano e Ensino Médio 1º ao 3º (turno vespertino)
- EJA-Fundamental e Médio (turno noturno)

Programa Mais Educação

Foi instituído pela Portaria Interministerial nº 17/2007 e integra as ações do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), como uma estratégia do Governo Federal para induzir a ampliação da jornada escolar e a organização curricular, na perspectiva da Educação Integral.

Promove a ampliação de tempos, espaços, oportunidades educativas e o compartilhamento da tarefa de educar entre os profissionais de educação e de outras áreas, as famílias e diferentes atores sociais, sob a coordenação da escola e dos professores. A Educação Integral, associada ao processo de escolaridade, pressupõe a aprendizagem conectada à vida e ao universo de interesse e de possibilidades das crianças, adolescentes e jovens. Buscando diminuir as desigualdades educacionais por meio da jornada escolar.

O programa funciona no contra turno dos estudantes selecionados, através de oficinas de dança, rádio e judô, Letramento, mosaico, grafiteagem e Fanfarra, onde é realizada sempre atividades lúdicas e descontraídas no intuito de promover um maior envolvimento dos estudantes no contexto escolar. O tempo de realização do Programa é de 11 meses corridos.

A avaliação será realizada quinzenalmente com os monitores e o coordenador, podendo redirecionar a metodologia toda vez que esta não estiver surtindo o efeito esperado.

5 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA DE JOVENS E ADULTOS

Foi com o censo de 1900, que o Brasil começou a calcular o índice de analfabetismo da população acima de 15 anos. Até então, a educação de adultos havia sido tentada de forma irregular e deficiente. Em 1920, com o fim da Primeira Guerra Mundial, desencadeou-se o interesse pela educação elementar e a necessidade de combater o analfabetismo entre os adultos. A reforma educacional de 1928 procurou reorganizar os antigos cursos populares noturnos. Essa reforma não foi posta em prática na sua integralidade devido a revolução de 30, mas, mesmo assim houve um aumento significativo de matrículas nos cursos noturnos. Outros sistemas supletivos se desenvolveram a partir da revolução de 30, concentrando-se esse crescimento nas zonas urbanas.

A criação do Instituto Nacional de Estudos pedagógicos, em 1938, fez estudos sobre o analfabetismo e preparou os caminhos para a primeira campanha de alfabetização em massa, realizado na década de 40. Em 1945 começou um tempo de renovação democrática. Após o Brasil passar por um longo período de ditadura, foram realizadas eleições para a presidência e na campanha eleitoral, o candidato prometeu que sendo eleito, criaria uma campanha nacional de alfabetização. Já eleito, o general Eurico Gaspar para presidente em 1946 entregou a Lourenço Filho, diretor e educador do Departamento Nacional de Educação, a responsabilidade de mover a campanha, iniciada em 1947. Foram criadas classes de alfabetização em todo o país.

Ao implantar a Campanha de Educação de adolescentes e Adultos (CEAA), o ministro da Educação Clemente Mariani declarava que, a educação do povo deveria adentrar nos melhores moldes democráticos e não apenas a alfabetização. Derivada CEAA, a CNER (Campanha Nacional de Educação Rural) consistia em levar a educação ao meio rural brasileiro. Era preciso oferecer à população mais que a simples alfabetização. Os técnicos do INEP (Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos) então, levantaram a possibilidade de um caminho alternativo de combate ao analfabetismo: realizar um projeto que melhorasse a escola primária regular e complementasse a educação de Jovens e Adultos. Surge então a CNEA (Campanha Nacional de Erradicação do analfabetismo) o que representou uma nova tomada em relação ao combate ao analfabetismo. Coube a CNEA, realizar estudos e levantamentos sobre os

problemas sociais, econômicos e culturais além de recomendações sobre a organização de classes, aperfeiçoamento do magistério, reforma na estrutura curricular, dinamizar as escolas rurais e organizar cooperativas.

Em 1963, o CEAA, CNER e CNEA, já não correspondiam à nova maneira de compreender o fenômeno do analfabetismo e às preocupações políticas do momento. Surge, então, na educação de jovens e adultos, o movimento de Educação de Base (MEB) que nasceu da iniciativa da Igreja Católica, que estava preocupada com os grupos de esquerda que proliferavam no meio rural, principalmente as ligas camponesas na Paraíba e em Pernambuco. Segundo Paulo Freire, o analfabeto adulto possuía um valioso legado de experiências e conhecimentos, mas, no entanto, oprimido pelas condições de vida miseráveis, não tinha o direito ao voto, o que só lhe foi concedido com a constituição de 1988.

Em 1967 criou-se o movimento brasileiro de alfabetização (MOBRAL), cujo objetivo era que o indivíduo adquirisse técnicas de ler, escrever e contar para se integrar na comunidade e assim permitir melhores condições de vida. Com o fim do Mobral em 1985, foram surgindo outros programas de alfabetização como: a Fundação Educar, que tinha o papel de supervisionar e acompanhar o investimento dos recursos transferidos para a execução de seus programas; o MOVA (movimento de alfabetização) que procurava trabalhar a educação partindo do contexto socioeconômico; o PAS (programa nacional de educação na reforma agrária, cujo objetivo era atender os que estavam nas áreas de assentamento; o programa Brasil alfabetizado, em 2003, cuja característica era erradicar o analfabetismo em 4 anos. Em 2004 esse programa foi reformulado.

Com a nova constituição de 1988, é determinado que todas as pessoas tenham acesso a educação; sendo reforçada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Com base na LDB, foi constituída a educação de jovens e adultos como modalidade de ensino, conforme seção V da Educação de Jovens e Adultos, artigo 37: “A educação de jovens e adultos será destinada aqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria”

Na história da educação brasileira as dificuldades de acesso e permanência na EJA se repetem intensamente, seja por questões de oportunidades, seja oriunda da própria escola: o currículo defasado, que não atende as necessidades dos alunos, os

professores que trabalham os conteúdos do ensino regular que não despertam o interesse dos alunos, a avaliação tradicional que levam os mesmos a reprovação e repetência. É preciso trabalhar partindo da realidade dos saberes e da cultura do educando. Freire (1997), propõe que se discuta com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos.

Ao longo da história as políticas públicas de educação tratam a educação de jovens e adultos de maneira isolada. A demanda pela EJA aumentou muito quando foi reduzida a idade para ingresso nessa modalidade de ensino. De acordo com a LDB nº 9394/96 a idade passa de 18 e 21 anos para 15 e 18 anos. Alunos que frequentam a educação de jovens e adultos são na maioria trabalhadores, que no passado tiveram o seu direito a educação negado, são donos de casa que não puderam estudar durante o dia por conta dos afazeres domésticos, são jovens e adultos repetentes e outros que não tiveram acesso á escola por conta da distância de sua residência.

5.1 CURRÍCULO NO ENSINO DA EJA

A palavra currículo vem do latim “curriculum” e significa percurso, carreira, curso, ato de correr. Aplicado à educação o termo currículo apresenta uma variação no decorrer do tempo, dependendo da concepção de educação e de escola e das necessidades de determinada sociedade num dado momento histórico. Alguns fatores históricos impuseram mudanças no modo de ver e pensar do próprio homem e das novas necessidades perante a vida: a revolução industrial as descobertas científicas, a explosão demográfica, os meios de comunicação de massa e o crescimento contínuo e progressivo das novas tecnologias. Diante de tudo isso, os educadores passaram a questionar o conceito de educação, de aprendizagem e conseqüentemente de currículo. O aluno não é mais visto como um ser passivo, mas sim, como um ser ativo que aprende, não apenas através do contato com o professor, com a matéria, mas através de todos os elementos do meio. O currículo deixou de ser confundido com distribuição de matéria ou carga horária de trabalho escolar.

Nesse ponto de vista, currículo significa mais do que conteúdo, significa vida escolar do aluno. Consiste em experiências, por meio dos quais os alunos alcançam a

autorrealização e contribuem para um futuro melhor. O termo “currículo” por sua vez, assume vários significados em diferentes contextos da pedagogia. Currículo pode significar também a expressão de princípios e metas do projeto educativo, que precisam ser flexíveis para promover discussões e elaborações quando realizado em sala de aula. (PCNs, introdução, p.49).

A LDB nº 9394/96, no seu artigo 27, destaca que os conteúdos curriculares da educação básica deverão observar “a difusão de valores fundamentais ao interesse social, aos direitos e deveres dos cidadãos de respeito ao bem comum e a ordem democrática [...]” Para que isso aconteça é necessário à escola tratar de questões que interferem na vida dos alunos e que tenha professores/educadores preparados para trabalhar com a Educação de Jovens e adultos. O currículo escolar não é um elemento inocente, neutro ou desinteressado de transmissões de conhecimento, mas ao contrário, não impede a interação cultural aos indivíduos e a diversidade de conceitos sociais, assim como os elementos de convergência e os pontos de divergência. O currículo deve se voltar para a formação de cidadãos críticos, comprometidos com a valorização da diversidade cultural, da cidadania e aptos a se inserirem num mundo global e plural. De acordo com os PCN’s, bases legais:

Pensar um novo currículo para o Ensino Médio coloca em presença estes dois fatores: as mudanças estruturais que decorrem da chamada “revolução do conhecimento” alternando o modo de organização de trabalho e as relações sociais; e a expansão crescente da rede pública, que deverá atender a padrões de qualidade que se coadunem com as exigências desta sociedade (p.6)

Segundo Neto (pág 56 – Educação na Paraíba) os resultados mais recentes do IDEB têm abalado os alicerces da qualidade da educação no país, pela Escola Pública, principalmente no ensino médio. Não adianta discurso sem prática. Por parte do governo parece simples a mudança do currículo escolar o que corresponderia a uma reorganização dos conteúdos programáticos. Os currículos escolares devem estar em sintonia com cada momento histórico, precisam estar em mudança nos ajudam a melhorar o IDEB, a garantir melhoria na educação. De acordo com Feldmann, o currículo vai definir o que é necessário num determinado contexto e privilegiar os conteúdos consagrados e necessários às novas gerações. O currículo deve aproximar a

teoria da prática. Compreender objetivos, conteúdos, métodos pedagógicos e critérios de avaliação. Para Feldmann “Currículo pode ser entendido como construção social de conhecimento, mediatizado na relação professor-aluno e toda a comunidade do contexto” (pag.203).

A lei de diretrizes e bases nº 9394/96, no seu capítulo II, seção I, artigo 26, diz o seguinte:

Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela (pág 44).

A própria LDB fala que o currículo deve ter uma parte diversificada que atenda a nossa clientela. Nossa clientela da EJA é especial e o nosso currículo não atende às necessidades da mesma. É preciso refletir sobre esse currículo principalmente quando esses estudantes são do curso noturno, muitas vezes vêm direto do trabalho e estão cansados. A questão curricular, os conteúdos que estão sendo ministrados, muitas vezes, afastam os alunos do convívio escolar porque não são interessantes. A educação deve estar comprometida com o desempenho total do ensino-aprendizagem dos educandos, educadores, gestores, familiares e comunidade.

O educador deve trabalhar os conteúdos de forma problematizadora e interdisciplinar. O currículo tem que ser plural. Deve estar ligado à vida e a todo programa da escola. Deve se voltar para a formação de cidadãos críticos, comprometidos com a valorização da diversidade cultural, da cidadania e aptos a se inserirem num mundo cultural e plural. Vive-se nesse momento a década da Educação sustentável, o que se constitui, segundo (Gadotti, p 32) .uma grande oportunidade para a renovação dos currículos dos sistemas formais de educação: “A cidadania planetária deverá ter como foco a superação das desigualdades, a eliminação das sangrentas diferenças econômicas e a integração intercultural da humanidade”.

5.2 EVASÃO E FRACASSO ESCOLAR

A educação de jovens e adultos é uma modalidade de ensino complexa porque envolve dimensões que transcendem a questão educacional. Muitos motivos levam estes alunos a estudar, como, exigências econômicas, tecnológicas e competitividade no mercado de trabalho. As mudanças sociais trouxeram novas exigências de formação, ampliando o espaço de educação formal e também trouxeram jovens e adultos aos bancos escolares e aos programas de EJA. Da mesma forma que as mudanças sociais trouxeram alunos aos bancos escolares e aos programas de EJA, outros fatores contribuíram para a evasão e fracasso desses alunos.

Muitos fatores favoreceram a evasão na Educação de jovens e adultos no contexto brasileiro dessa modalidade de ensino, por existir diferentes perfis de estudantes: o aposentado com tempo livre, o adolescente que trabalha o dia todo, profissionais autônomos com pouca formação que necessitam retomar seus estudos quando não tiveram acesso na idade regular. Na EJA eles encontram a possibilidade de concluir os estudos, mas devido a falta de horário flexível, a seus afazeres domésticos, a saída muito tarde do trabalho, o cansaço diário, a violência do dia a dia, eles deixam a escola porque não conseguem acompanhar o ritmo do estudo. O mais preocupante com relação a evasão escolar nas turmas do 2º ano médio EJA, da EEEFM Cônego Francisco Gomes de Lima, é a questão da “evasão” dentro da própria escola. Pode parecer até estranho para alguns profissionais que ainda não atentaram para este ponto. Quando pedagogos, educadores, filósofos e outros escritores falam da evasão não citam a evasão interna, ou seja, a não permanência do aluno na sala de aula.

No início do ano letivo, o aluno faz sua matrícula e começa a frequentar a escola. Alguns permanecem até a chegada da carteira de estudante e a partir daí desistem e só ano seguinte fazem uma nova matrícula. Outros frequentam grande parte das aulas, mas quando percebem que não estão bem em determinada disciplina, desistem. Por conta da violência do dia a dia, muitos deixam de frequentar a escola, com medo do que possa acontecer. E o que falar sobre aqueles que estão todos os dias na escola e não entram na sala de aula? Por que agem dessa forma? Não gostam dos professores, dos colegas, das aulas? E pensando neste tipo de evasão interna que estamos discutindo a não permanência desses alunos na sala de aula.

Os professores entram na sala e alguns livros e cadernos estão sobre a carteira escolar. Faltam os donos desses pertences. Eles estão na escola o tempo todo. Alguns

deles conversam com outros colegas de outras turmas, namoram, na hora da aula realizam outras atividades alheias ao processo de educação, eles não fazem à vista dos professores, inspetores, gestores. Quando percebem que tem avaliação para nota, aparecem e depois desaparecem novamente. As faltas não dizem nada para eles, porque sabem que de acordo com as diretrizes operacionais para o funcionamento das Escolas da Rede Estadual de Ensino, do ano letivo de 2013, as faltas não implicam na reprovação: “Para a educação de jovens e adultos, o percentual de frequência não deverá ser entrave para o estudante obter aprovação” (p.13).

O aluno, portanto, sabe disso e procura saber dos colegas quais as avaliações para nota e entregam no dia certo. Depois de passar a frequência, se ausentam novamente. É preocupante essa forma de agir porque contribui para o fracasso escolar. Estamos vivendo nesses últimos anos o problema da indisciplina e o medo da violência. Temos alunos que não vêm à escola com medo da violência; outros porque não aguentam viver com colegas indisciplinados, principalmente aqueles de idade mais avançada.

A pouca importância dada aos valores morais é com certeza, um fator para a indisciplina: “A indisciplina foi considerada a grande praga do final do século passado para a educação brasileira e a violência o seu efeito mais nefasto” (SILVA, pag.13). No cotidiano escolar, os educadores aturdidos e perplexos com o fenômeno da indisciplina, tentam buscar ainda que de modo impreciso e pouco aprofundado, explicações para a existência de tal manifestação. Não só cansaço, o medo, a falta de motivação contribuem para a evasão e o fracasso escolar. Muitas vezes o próprio professor não se sente motivado e não está preparado para trabalhar com o EJA. A falta de investimento na formação continuada dos professores da EJA, resulta no despreparo para ministrar aulas para essa modalidade de ensino.

A formação docente, muitas vezes, é organizada de forma burocrática e estática e em muitos momentos imobiliza e não capacita o profissional. Devido a desmotivação, cansaço pela carga de trabalho, período longo sem frequentar a escola, indisciplina, violência, falta de formação de alguns docentes, enfrentamos a evasão e o fracasso escolar, não só dos que deixam a escola, mas também os que estão na escola e não permanecem na sala de aula. A evasão escolar está entre os temas que historicamente fazem parte dos debates no âmbito da educação pública brasileira e que infelizmente,

ainda ocupa um espaço de relevância no cenário das políticas públicas e da educação em particular. No que tange a Educação de jovens e adultos, observa-se que a evasão escolar vem adquirindo espaço nas discussões e reflexos realizados pelo Estado e pela sociedade civil e nas organizações e movimentos relacionados à educação no âmbito da pesquisa científica e das políticas públicas.

5.3 RELAÇÃO PROFESSOR – ALUNO

O professor como líder, é o responsável pelo bom relacionamento com seus alunos sua influência é muito grande e criar um clima que favoreça ou desfavoreça a aprendizagem depende dele. Seu papel está intimamente ligado à transmissão de certos conhecimentos que são predefinidos e que constituem o sentido da existência escolar. Exerce papel de mediador e incentivador para cada aluno dentro do seu contexto cultural. Os alunos da Educação de jovens e adultos após uma longa jornada de trabalho, chegam cansados e buscam muitas vezes, um abrigo no professor.

O educador deve perceber o aluno como um ser pensante, cheio de capacidade e portador de ideias, mas também como um ser humano que precisa ser conhecido e não excluído da sociedade. É preciso que ele se sinta um agente ativo, participante do processo de aprendizagem, capaz de interferir, na sua realidade e na essência de seu país. O aluno do EJA precisa de estímulo e compreensão por parte do professor para que possa superar as dificuldades e desafios que encontram em seus caminhos e que muitas vezes são gerados pela falta de acolhimento da própria escola. É importante ouvir o que os alunos pensam a respeito da escola, a influência das relações afetivas positivas, o que com certeza contribui para o processo de escolarização.

Para PERRENOUD a maior parte dos alunos tem necessidade de ser reconhecida e valorizada como pessoa única. Os cenários para aprendizagem integrada devem considerar o humano como um todo, devem envolver e criar condições para atitudes de abertura, flexibilidade, tolerâncias, respeito, e reflexão sobre a vida como bem maior. Grande parte dos alunos tem necessidade de ser reconhecida e valorizada como pessoa única. Saber analisar as relações intersubjetivas, ver o outro como ser humano capaz de aprender o que lhe é ensinado, mas, também, necessitado de ser

reconhecido como pessoa, é uma dimensão importante da prática reflexiva. Muitas vezes o professor devido à grande violência em todos os lugares, inclusive na escola, tem medo de aproximar-se do aluno e tentar ajuda-lo. Segundo Ira Shor o medo vem do sonho que a pessoa tem da sociedade que se quer e desfazer através do ensino. Paulo Freire confirma o que foi dito por Ira Shor e diz: “Sim, o medo existe em você, precisamente porque você tem o sonho. Se seu sonho fosse o de preservar o status quo, então o que você teria a temer? [...] Se você racionalizar o medo, então nega o sonho” (FREIRE e SHOR).

Na realidade o que FREIRE e SHOR tentam dizer é a pura verdade. Os professores, somos ousados queremos transformar a sociedade buscando uma aproximação com nossos alunos, mas muitas vezes nos afastamos com medo do incerto, do que a sociedade pensa e faz. A afetividade, o compreender o outro como ser humano e pessoa diferente, pode às vezes nos surpreender e desencorajar nesse processo de solidariedade. Toda prática educativa implica sempre a existência de sujeitos, aquele que ensina e aquele que aprende. O papel do educador não é impor sua leitura de mundo, mas mostrar outras leituras de mundo, diferentes da sua e aproximar-se do seu aluno através do diálogo. “A importância da humanização é primordial à educação voltada para a condição humana, porque nos mostra como a animalidade e a humanidade constituem, juntas, nossa condição humana”. (MORIM, pág. 50 e51)

É preciso formar o cidadão democrático, crítico, participativo, sensível, solidário, fraterno e tolerante. Infelizmente a maioria dos seres humanos não sabe perdoar, não sabe reconhecer seus limites e se colocar no lugar dos outros “O maior pecado capital que os educadores podem cometer è destruir a esperança e os sonhos dos jovens. Sem esperança não há estrada, sem sonhos não há motivação para caminhas” (CURY, pág. 100).

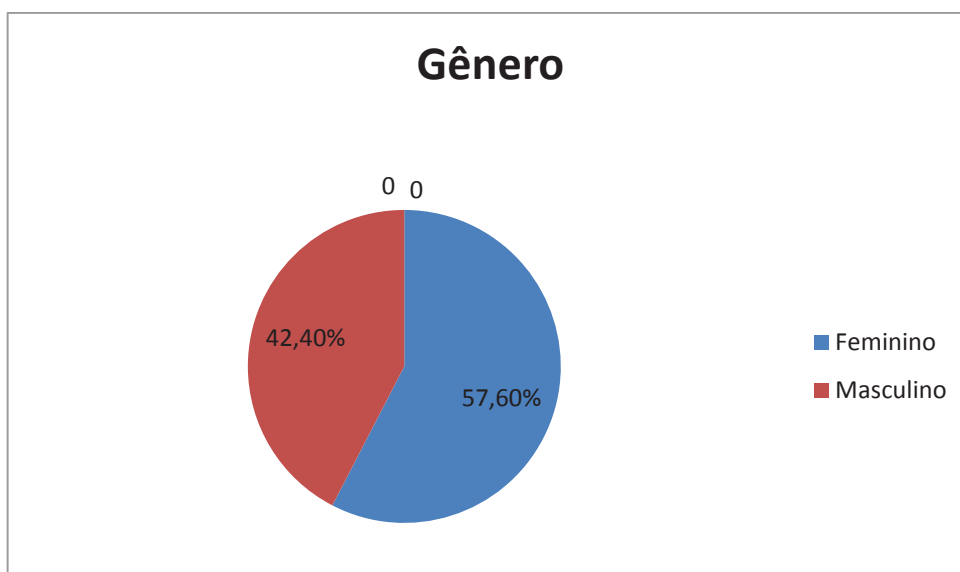
6. RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA

Os alunos do 2º ano médio EJA da Escola Estadual de Ensino Fundamental e médio Cônego Francisco Gomes de Lima estão inseridos dentro de uma larga complexidade e heterogeneidade. Num total de 73 alunos, foi feita uma amostra com 26

deles. Foram convidados a responder anonimamente um questionário (anexo), cujos resultados analisamos nos gráficos abaixo:

6.1 PERFIL DOS ALUNOS

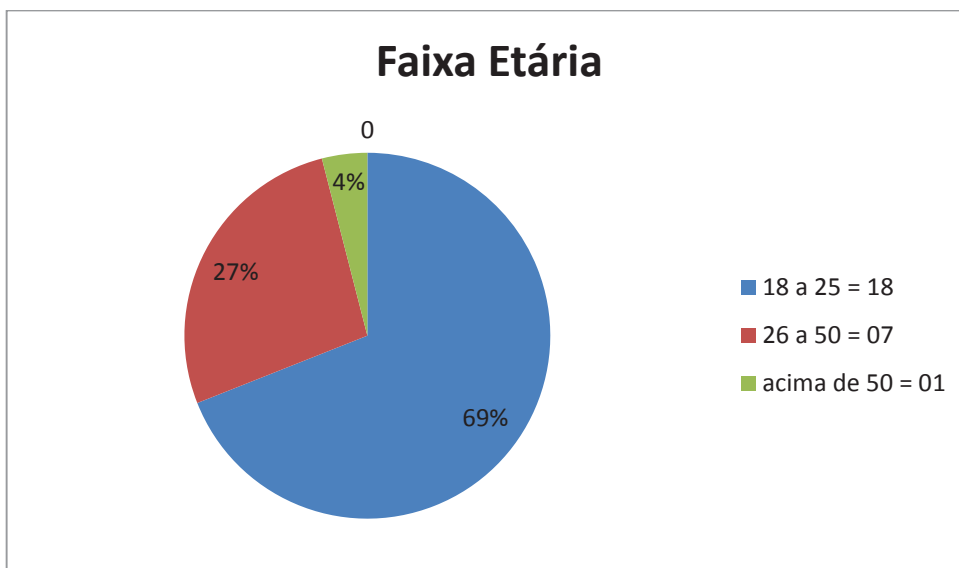
GRAFICO 1 – Gênero dos alunos que responderam o questionário



Fonte: dados da pesquisa

De acordo com o gráfico 1 observamos que 57,6% são do sexo feminino e 42,4% são do sexo masculino.

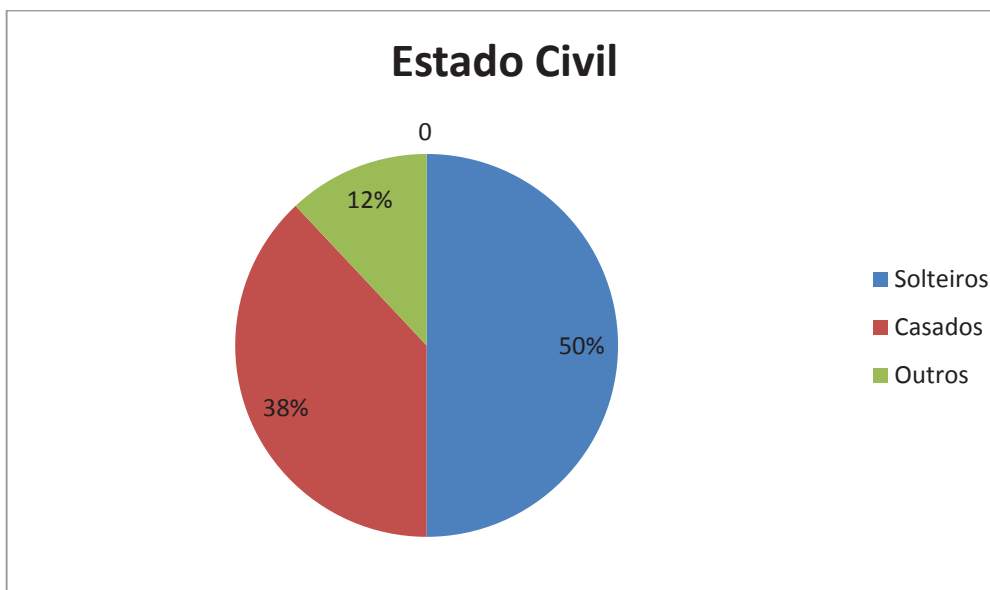
GRÁFICO 2 – Faixa Etária



Fonte: dados da pesquisa

No Gráfico 2, observa-se que 69% dos alunos questionados estão numa faixa etária que varia de 18 a 25 anos. São os mais jovens que buscam a escola muitas vezes para adquirir a carteira de estudante e depois se afastam ou não permaneceram na sala de aula. 27% são mais maduros, mais exigentes, pretendem continuar os estudos e entrar na universidade e 4% com mais de 50 anos estudam, mas, sentem muita dificuldade porque passaram muito tempo fora da sala de aula.

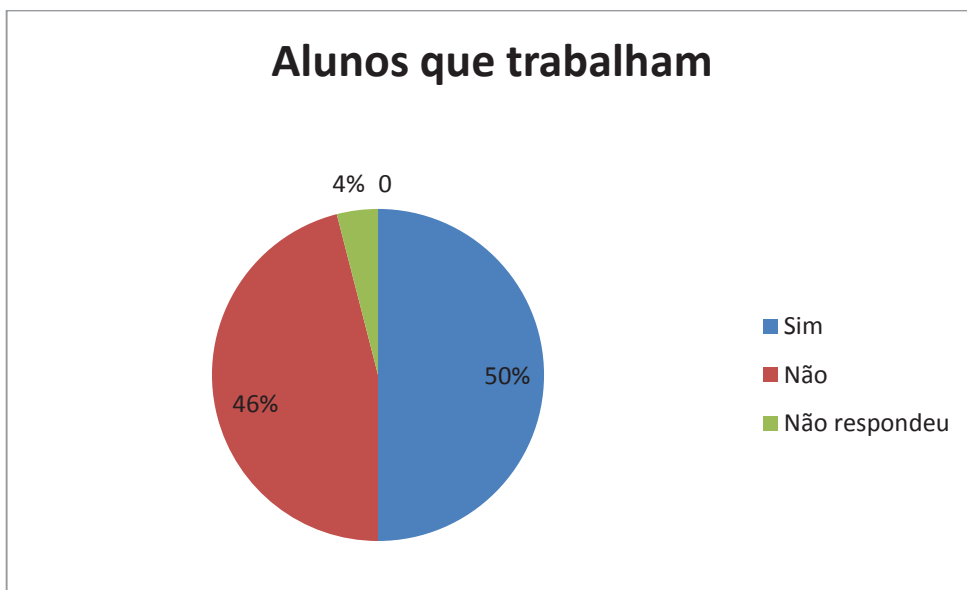
GRÁFICO 3 – Estado Civil



Fonte: dados da Pesquisa

De acordo com o gráfico 3, 50% dos alunos são solteiros, 38% são casados e 12% são separados/divorciados/outros. Todos tem filhos. O fato de terem filhos, muitas vezes dificulta o seu acesso á escola, principalmente quando os filhos estão doentes ou porque o pai ou mãe trabalha e os filhos não podem ficar sozinhos. A maioria desses alunos fala que precisam estudar para dar maior incentivo aos filhos.

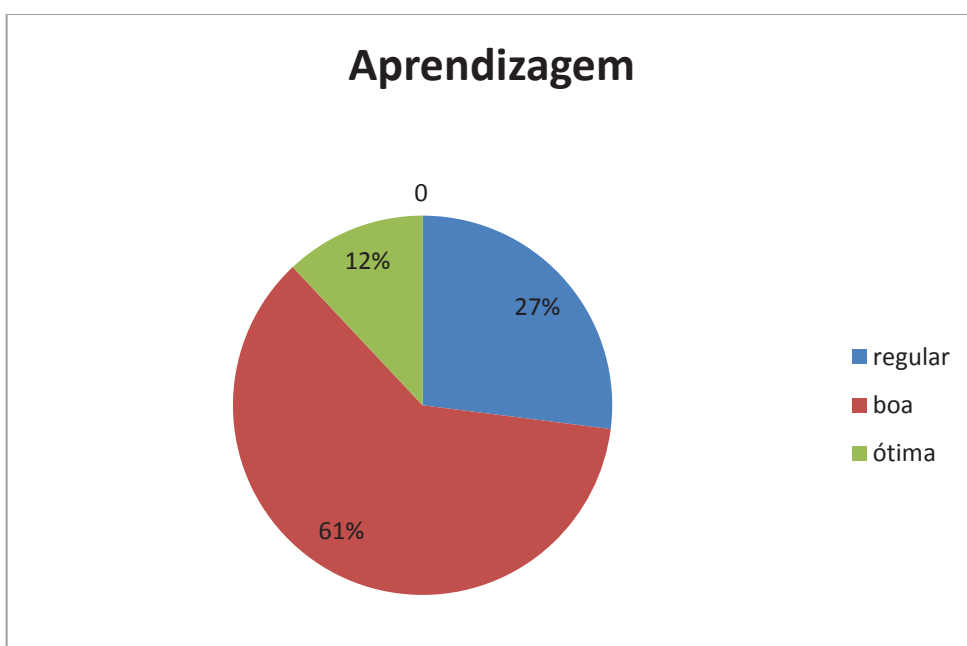
GRÁFICO 4 – Alunos que trabalham



Fonte: Dados da pesquisa

Os resultados demonstrados no gráfico evidenciam que 50% dos alunos trabalham e por isso estudam à noite; 46% não trabalham, mas, ou estão fora da faixa etária para estudar na modalidade regular ou porque tem os afazeres domésticos e 4% dos alunos não responderam.

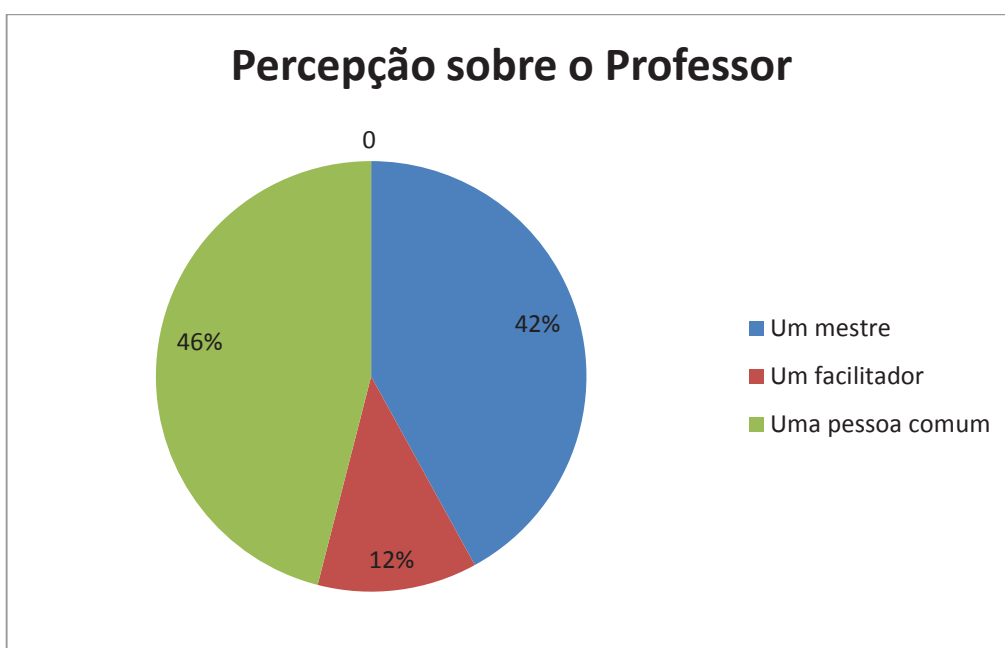
GRÁFICO 5 – Aprendizagem



Fonte: Dados da Pesquisa

No gráfico 5 observa-se que 27% dos alunos consideram a aprendizagem regular, 61% boa e 12% ótima. Vale destacar que mais de 50% consideram a aprendizagem boa, o que significa que os professores trabalham de forma diversificada, atendendo as expectativas dos alunos e trabalham para melhorar. Apenas 12% consideram ótima. São aqueles mais estudiosos, mais interessados e que pretendem chegar a Universidade.

GRÁFICO 6 – Percepção sobre o professor



Fonte: dados da pesquisa

O gráfico 6 mostra que 42% dos alunos percebem o professor como um mestre, 12% vem o professor como facilitador e 46% como uma pessoa comum. Os alunos da EJA, aqueles que querem estudar, vem o professor como mestre, dominador de conhecimento e incapaz de dizer que não sabe responder a uma pergunta. Esses mesmos alunos não seguiram o desenvolvimento tecnológico, não sabem lidar com o

computador, usar seus programas. Achrom que o mestre tem o poder do conhecimento, que as aulas devem ser tradicionais sem necessidade de leva-los a uma sala de vídeo, porque isso fazem em casa. Os mais jovens já reclamam, não querem aulas expositivas nem muitas tarefas. Veem o professor como um trabalhador comum que deve atender o que pedem e o que querem, sem muitas conversas.

Normalmente os alunos são impacientes, reclamam de tudo e não tem um bom relacionamento com o professor. Como são maiores de 18 anos não tem o acompanhamento da família. Consideram o estudo uma bobagem, só o fazem por exigência do trabalho. Esses alunos não permanecem na sala de aula, muitas vezes ficam pelos corredores e quando questionados sobre o porque da não permanência na sala de aula, não responderam o motivo. Apenas um aluno analisado nessa amostra foi capaz de dizer: “Eu venho para a escola mas não entro na sala de aula”.

Esses alunos que ficam fora da sala, não assistem às aulas, ficam pelos corredores a namorar, a observar o facebook e a realizar outras atividades que de fato não estão relacionadas aos estudos. Saem de casa apenas pelo prazer de encontrar os colegas. É uma “evasão interna” que precisa ser estudada, analisada porque cada dia aumenta o número de alunos e o fracasso escolar. A conversa com esses alunos sobre o estudo, aprendizagem, não teve nenhum efeito.

6.2 CONTEÚDOS TRABALHADOS NA SALA DE AULA

Vivemos numa pós-modernidade onde o marcante processo, tecnológico gera novas formas de relações entre as pessoas. A escola, uma vez associada ao mundo do trabalho, deve ser constantemente repensada. Segundo Jorge Gerdau, Presidente do grupo Gerdau, líder no mercado de aço, numa entrevista concedida por e-mail fala que “A educação é um dos fatores mais vitais para o aumento da competitividade de uma nação”. A escola não tem preparado os alunos para atender às necessidades de um mercado de trabalho em constantes mudanças e casa vez mais exigente. Os conteúdos trabalhados em sala de aula, a pouca motivação por parte de alguns educadores, currículos defasados, não garantem uma educação básica de qualidade, compatível com os interesses e o ambiente do mercado em que está inserido. A melhoria da qualidade da

educação no Brasil precisa ser uma prioridade para todos: governo, escolas, docentes, família, enfim, toda a sociedade.

Estamos diante de uma geração que aprende a todo tempo, em vários lugares, e a sala de aula é um desses lugares. Segundo Paulo Freire, ensinar exige “rigoriedade metódica, pesquisa, respeito aos saberes dos educandos, criticidade, estética e ética, risco, consciência do inacabado”. Não basta abrir o livro, ditar o que está escrito. Não existe aluno que não aprende. Ele aprende sim, basta ensinar e é como ensinar que devemos pensar e repensar. No mundo atual, a vida é compreendida sistemicamente. Não se pode pensar mais algo fora de seu contexto. É preciso aceitar a subjetividade e a individualidade de cada pessoa. Os alunos precisam ser provocados por problemas significativos para a construção de um novo conhecimento. É preciso rever nossas práticas, pois, conhecendo os conteúdos e sua resignificação, reunimos o que é significativo para provocar o desejo nos estudantes e contribuir para acabar com a distância que separa os jovens do mundo do trabalho. É preciso também educar para o desenvolvimento sustentável. Segundo Gadotti é preciso reeducar o sistema para introduzir uma cultura de sustentabilidade.

Estou convencido de que a sustentabilidade é um conceito poderoso, uma oportunidade para que a educação renove seus velhos sistemas, fundados em princípios e valores competitivos e introduza uma cultura da sustentabilidade e da paz nas comunidades escolares, a fim de serem mais cooperativos e menos competitivos (p.39)

Com o crescimento tecnológico é preciso que os profissionais de educação busquem conhecimentos dessa nova era para que possam mudar seus métodos, suas técnicas com relação principalmente ao ensino da EJA. Os alunos da educação de jovens e adultos já são cansados e desmotivados pela própria sociedade, não suportam a posição estática na sala de aula. Precisam de um momento diferente, de um currículo diferente que atenda as necessidades de cada um.

6.3 PERCEPÇÃO DO ALUNO SOBRE A AUSÊNCIA EM SALA DE AULA

A grande concorrência do mercado de trabalho exige do aluno um nível de escolaridade maior e um diferencial em termos de conhecimentos para que ele obtenha melhores empregos. O direito ao conhecimento é uma fonte de inclusão social e isso, não podemos negar ao aluno. Ele deve ter acesso a esses conhecimentos para poder utiliza-los, não só em situações escolares, más principalmente nas situações extraescolares. Um grupo desses alunos querem mais do que um simples ensino médio. Buscam um curso superior. A baixa autoestima de um grupo de alunos do EJA, o sentimento de incapacidade de aprender devido a um grande tempo fora da sala de aula, faz com que se afastem da escola. Outros argumentam que as aulas não atendem seus desejos, suas expectativas. Também é muito importante o incentivo dos familiares o que não é comum para alguns deles. Em suas falas, mostram que a escola não é uma fórmula mágica para resolver seus problemas. Sabem que o aprendizado que fazem e que precisam não acontece unicamente na escola, más na prática do dia a dia, na experiência vivida, no êxito de seus planos de vida.

A educação de jovens e Adultos deve levar os educandos a resignificação de seus saberes e para isso é necessário conhecer o aluno da EJA, seus objetivos, seus conhecimentos, suas experiências, sua cultura. Esse mesmo aluno traz para a sala de aula a sua linguagem, o seu comportamento, os seus valores. É um sujeito de formação complexa. O professor precisa estar pronto para entender essa complexidade, ser criativo, para conseguir um bom resultado no seu trabalho. Discutir as diversidades, dar chances ao educando de ser ouvido , faz com que aumente sua autoestima e ajuda no seu progresso. No mundo atual, a vida é compreendida sistemicamente; não cabe mais pensar algo fora do contexto. É preciso aceitar a subjetividade e a individualidade de cada pessoa. Os alunos precisam ser provocados por problemas que lhes sejam significativos e construir seu novo conhecimento. Alguns alunos não permanecem na sala de aula porque não gostam de determinados professores ou colegas.

“Adoro a professora de Português porque ela nos trata como gente.”

“Gosto da professora de sociologia porque ela explica bem”

“Gosto mais dessa gestão porque não grita conosco”

São falas de alunos que devem ser observadas, analisadas.

6.4 PERCEPÇÃO DO PROFESSOR SOBRE A AUSÊNCIA DO ALUNO EM SALA DE AULA.

Há uma preocupação por parte dos professores no que se refere ao nível de conhecimentos dos alunos da Educação de Jovens e Adultos. Eles chegam no ensino médio sem base e sem conhecimento do ensino fundamental. Esse déficit, na maioria das vezes, é devido a grande parte do tempo fora da sala de aula, da falta da prática de leitura e escrita. Na percepção dos professores, a grande maioria dos estudantes do EJA é “analfabeta” em todos os sentidos. Não sabem ler e quando leem não entendem o que está escrito. Esses alunos não se concentram na sala de aula, o currículo não atende suas expectativas. Recebem todos os livros adotados no ensino regular, e como são muitos e vêm direto do trabalho, não têm condição de trazer todo esse material.

É preciso adequar o currículo da EJA às necessidades dos alunos. Para isso é necessário que se conheça esses alunos na sua totalidade, sua cultura, seu pensamento, suas emoções. Esses alunos, muitas vezes, não entendem o que o professor fala porque não têm as bases que deveria trazer do fundamental. Os professores tem que fazer uma adaptação dos livros, do ensino regular para os alunos da EJA. O ensino regular tem dois semestres para ver o conteúdo dos livros e muitas vezes não consegue por causa das dificuldades de alguns. Como é que, em apenas um semestre, o aluno da EJA, que já não tem uma boa base, vai dar conta de tudo?

Os depoimentos dos estudantes no dia a dia mostram que a escola tem que buscar uma política de educação inclusiva e de uma pedagogia atenta às histórias, aos sonhos e as experiências que os estudantes trazem para a escola. O homem é um ser biológico e cultural. Como ser cultural, acumula em si o que é conservado, transmitido, aprendido e comporta normas e princípios de aquisição. Ele se realiza plenamente como ser humano pela cultura e na cultura.

A cultura é constituída pelo conjunto dos saberes, fazeres, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, ideias, valores, mitos, que se transmite de geração em geração, se reproduz em cada indivíduo, controla a existência da sociedade e mantém complexidade psicológica e social (MORIN, pag.56)

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação de Jovens e Adultos enfrenta grandes desafios para melhorar sua permanência, não só na escola, mas na sala de aula. Se não houver qualidade de ensino a evasão, a não permanência na sala de aula, a reprovação, a repetência levarão os alunos ao fracasso escolar e a exclusão desses alunos será inevitável. A estrutura para receber os alunos é precária, o currículo está fora do contexto e grande parte dos professores não foram preparados para trabalhar com essa modalidade de ensino.

A EJA é uma modalidade diferente, complexa, pois envolve alunos de faixa etária variadas, de personalidades diferentes, de situações econômicas e sociais diferentes. O professor por sua vez tem que trabalhar de forma diferenciada com eles. O horário das aulas muitas vezes não é compatível com o horário de trabalho dos alunos. Eles têm uma carga-horária excessiva de trabalho e devido a distancia chegam atrasados a escola. Muitas vezes falta dinheiro para o transporte; outras vezes, ficam inseguros no retorno para casa e precisam sair antes do término das aulas para acompanhar um outro colega. “Alguns alunos temem, no cotidiano que outros mais fortes lhes roubem o dinheiro do bolso, seus pertences ou sua jaqueta, a violência já está presente” (PERRENOUD, pag.144)

Muitos estudantes reivindicam conteúdos relacionados ao trabalho, têm dificuldade de compreensão. Reclamam porque são avaliados por meio das provas, trabalhos individuais, trabalhos em grupo e participação. Não concordam com os métodos pelos quais são avaliados. Enquanto uns criticam as provas como avaliação, outros gostam, porque a timidez os impede de falar em público. A prática educativa da EJA deve ser pautada na realidade do aluno. Os problemas relacionados a evasão, muitas vezes são tratados pelos órgãos governamentais como sendo de responsabilidade do próprio aluno, atribuindo a eles a culpa por suas dificuldades de aprendizagem e fracasso escolar. O conhecimento do mundo é necessidade intelectual e vital. Para

conhecer os problemas do mundo é preciso reformar o pensamento. Nessa pesquisa foram consultados vários escritores. Todos que foram analisados falam da evasão no sentido da desistência, do abandono dos estudos e saída da escola. Quando falamos da “evasão interna” significa a evasão dentro da própria escola. O aluno coloca seus objetos sobre a carteira escolar e saem da sala de aula. Ficam pelos corredores na quadra, no estacionamento e até mesmo nos banheiros. Inspetores, pessoal de apoio, professores, gestores, pedem que entrem na sala e aula. Eles entram. Quando esses profissionais se afastam, os referidos alunos deixam novamente a sala de aula. É bem verdade que esta pesquisa foi feita em uma escola, porém, foram questionados professores de outras unidades de ensino e a resposta é sempre a mesma: “Eles ficam fora da sala de aula, são desinteressados, não querem nada” (fala de alguns professores).

Será que eles não querem nada mesmo? Será que procuram a escola com uma forma de sair de casa, conversar com outros colegas sobre seus afazeres, suas emoções, seus trabalhos, seus amores? É preciso criar situações para facilitar as aprendizagens, as tomadas de consciência, a construção de valores, a construção de uma identidade, educar a emoção, isto é, estimular o aluno a pensar antes de reagir, a ser líder de si mesmo.

Educar a emoção também é se doar sem esperar retorno, ser fiel a sua consciência, extrair prazer dos pequenos estímulos da existência, saber perder, correr riscos para transformar os sonhos em realidade, ter coragem para andar por lugares desconhecidos (CURY, pag. 66)

Segundo Cury é preciso levar os jovens a sonhar, pois se eles deixarem de acreditar na vida, não teremos futuro. Se não houver emoção na transmissão das informações, não haverá prazer e concentração e os alunos se dispersam. Se pudéssemos entrar na mente desses estudantes constataríamos os seus desejos e suas expectativas. Talvez, nesse caso, pudéssemos evitar a evasão e o fracasso escolar.

Se metade dos gastos militares no mundo fossem investidos na educação, os generais se tornariam jardineiros, os policiais, poetas, os psiquiatras, músicos. A violência, a fome, o medo, o terrorismo e os problemas emocionais estariam nas páginas dos dicionários e não nas páginas da vida. (CURY)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GADOTTI, Moacir. **Educar para a sustentabilidade: uma contribuição à década da educação para o desenvolvimento sustentável.** Ed. e Livraria Instituto Paulo Freire, São Paulo, 2009.

CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes, professores fascinantes.** Ed. Sextante, Rio de Janeiro, 2003.

MELO NETO, J. F. **Educação na Paraíba: fragmentos.** Ed. Gráfica e Mídia, João Pessoa, 20013.

SOEK, A. M. **Mediação Pedagógica na Educação de Jovens e Adultos: Ciências da Natureza e matemática.** Ed. Positivo, Curitiba, 2009.

PILLETI, C. **Didática Geral.** Ed. Ática, 2º edição, São Paulo, 2002.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários á educação do futuro.** Ed. Cortês, 8º edição, Brasília, 2003.

LIBÂNEO, J.C. **Didática.** Ed. Cortês, São Paulo, 1994.

DUARTE, N. **O ensino da matemática na educação de Jovens e Adultos.** Ed. Cortês, 11º edição, São Paulo, 2009.

JACOMINI, M. A. **Educar em reprovar**. Ed. Cortês, São Paulo, 2010.

FELDMANN, Marina Graziela. **Formação de Professores e Escola na contemporaneidade**. Ed. Senac, São Paulo, 2009.

MORAES, Maria Cândida. NOVAS, Juan Miguel Batalloso. **Complexidade e transdisciplinaridade em educação: teoria e prática docente**. Ed. Walk, Rio de Janeiro, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança. Um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Ed. Paz e Terra, 17ª edição, 2011.

FREIRE, Paulo. SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. Ed. Paz e Terra, 13ª edição, 2011.

PERRENOUD, Philippe. **10 novas competências para ensinar**. Artes Médicas Sul, Porto Alegre, 2000.

Revista Histed Online. www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/38/art38.

Revista Pátio: Ensino Médio, profissional e tecnológico. Ano VI/ maio, 2014, nº20.

Revista alfabetização de jovens e adultos. www.educacao.salvador.ba.gov.br. Último acesso em >15/04/2014

Revista Alfabetização Solidária. SP Lopes e LS Souza, (alfasol), 2005-cereja.org.br.
último acesso em 15/04/2014

www.ufpe.br/aafetividadenasrelacoesprofessoraluno. Último acesso em 15/04/2014

Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Parte I – bases legais
portal.mec.gov.br. último acesso em: 20/05/2014

www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo. Último acesso em; 21/04/2014

www.educacaopublica.rj.gov.br/educacao/biblioteca. Acesso em: 21/04/2014

CARVALHO, Marlene. **Primeiras Letras: alfabetização de Jovens e Adultos em espaços populares.** Ed. Ática, 1º edição, São Paulo, 2010.

www.paraiba.pb.gov.br/educacao/diretrizesoperacionais.2013 último acesso em:
14/05/2014

www.ufrn.edu.br/ojs/phd/holos/article/view/file/279/537 último acesso em: 21/04/2014

